

ômega”, utilizada por Teilhard de Chardin. Talvez a humanidade esteja atravessando um destes momentos. A mudança que estamos todos vivendo – individual e coletivamente – é tão vasta, abrangente e rápida, que não somos capazes de perceber com clareza todas as suas dimensões. A visão do movimento das folhas das árvores tem sido tão fascinante que poucos indivíduos vêem a radical mudança do bosque inteiro a seu redor.

Apesar da precariedade da percepção humanamente possível, muitos compreendem que nossa sociedade se aproxima de um momento de “ruptura cognitiva”; ou talvez já tenha ingressado nele. O velho modo estabelecido de ver as coisas se desfaz. Nossa antiga noção de tempo e de espaço se desmancha. Milhares de pequenos fatores alteram a substância das lentes com que olhamos aquilo que, para nós, é a “realidade”.

Por uma série de motivos, no entanto, nem sempre é sábia a nossa atitude diante da mudança. Como podemos perceber o que deve ser renovado, e o que deve ser preservado? Em alguns casos, em áreas em que a mudança deveria ser bem recebida, ficamos excessivamente apegados à rotina. Em outros casos, quando seria melhor uma atitude mais modesta e conservadora, busca-se mudanças em áreas superficiais da vida. Mas o problema tem solução. Como sempre, a calma, o discernimento e uma visão filosófica de longo prazo nos ajudam nas questões fundamentais da vida.

A rocha firme não se abala pelo movimento das marés. Na renúncia à agitação inútil, há um velho ditado popular que deve ser adaptado para os dias atuais. Na verdade, mais vale um livro de teosofia na mão do que dois celulares tocando. Uma porção razoável de paz no coração têm valor maior que os mais brilhantes e complexos **i-phones** e **notebooks**. Além de mandar uma nave tripulada a Marte e redescobrir os milagres da ética na política e da preservação ambiental, uma das grandes aventuras científicas que esperam por nós consiste em conhecer a nós mesmos e ouvir a voz sem palavras das nossas almas imortais.

NOTA:

[1] “O que são revoluções científicas?”, texto publicado no livro **O Caminho desde ‘A Estrutura’**, de Thomas S. Kuhn, Ed. UNESP, 2003, SP, 403 pp., ver pp. 23-45.

000

Teosofistas Buscam Revolução Social

Helena P. Blavatsky

A revolução [francesa] de 1789 produziu um só resultado evidente. É aquela falsa fraternidade que diz a seu semelhante: “Pense como eu, ou usarei de violência contra você; seja meu irmão, ou irei perseguir você até o limite!”

Os “missionários” teosóficos também têm como meta uma revolução social. Mas é uma revolução inteiramente ética. Ela vai ocorrer quando as massas empobrecidas compreenderem que a felicidade está em suas próprias mãos, que a riqueza material não traz nada mais que preocupação, e que só aquele que trabalha pelos outros é feliz; e quando os ricos

compreenderem que a sua felicidade depende da felicidade dos seus irmãos. Só então o mundo verá o amanhecer da felicidade.

[“The Collected Writings of H. P. Blavatsky”, TPH, Adyar, Índia, 1990, vol. VIII, pp. 86-87.]

00000000000000000000000000000000

Em Que Ritmo Ocorre o Despertar Interior? A Magia Prática do Caminho Teosófico

Um Estudante de Teosofia

Que diferença faz na vida diária o estudo da teosofia clássica? Para muitos estudantes, no início o contato com a filosofia esotérica pode parecer principalmente “teórico”. As mudanças emocionais que acompanham toda expansão de consciência estão presentes, mas elas parecem suaves e não chamam atenção. Um observador ingênuo dirá que “não vê sentimentos”, porque inexistente no processo o sentimentalismo religioso convencional.

Na primeira etapa da caminhada, não há, pois, necessariamente uma alteração visível da vida diária concreta. A sabedoria ensina paciência. A mudança toma tempo porque é profunda. O despertar espiritual não é uma ação teatral. Nenhuma semente germina imediatamente depois de plantada.

A mudança visível virá mais tarde, em algum momento que não se pode predeterminar, e de acordo com um ritmo natural que em alguns casos pode ser bastante vagaroso. Pouco a pouco o contato com a filosofia passará da fase inicial e começará a mudar a vida diária (lenta mas definitivamente). A forma e o ritmo como isso ocorrerá depende do temperamento e do patrimônio cármico de cada estudante.

Mesmo sem necessidade de grandes gestos “radicais”, novos hábitos surgirão. A vida ficará mais calma e mais consciente. Haverá mais determinação e um rumo mais claro. Surgirá gradualmente uma autoconfiança profunda diante das grandes questões da vida e da morte. Ações antes impossíveis passam a ser feitas sem grande esforço. Coisas que antes agradavam perdem o sabor. A mente se renova e, com isso, mudam os ambientes em que a alma se sente melhor.

A vontade espiritual está presente neste processo, é claro. Mas é uma vontade livre e soberana. Ao invés da disciplina externa imposta pelas ordens religiosas exotéricas, surge naturalmente uma auto-disciplina e uma auto-purificação. A inexistência da morte para o eu superior é percebida não só conscientemente, mas também de modo subconsciente. Esta percepção direta nasce mais como uma “suspeita agradável” do que como um ensinamento racionalmente lógico e compreensível, embora o estudo deste último tenha sido o primeiro passo. Assim desaparecem camadas profundas de medo. O indivíduo ganha uma calma compreensão da sua co-responsabilidade ética como cidadão planetário, e este fator passa a ser uma fonte de felicidade durável. O aprendiz percebe sua unidade direta e interior com todos os seres. Ele amplia de modo quase imperceptível o contato com sua própria alma imortal, que está em unidade com a lei do Universo. Sua antiga ignorância vai ficando para trás, sem que ele perceba.

Mas em alguns casos, o primeiro contato com a teosofia é muito diferente. Logo que o estudante “descobre” a filosofia esotérica, ele experimenta um forte sentimento de familiaridade pessoal. “É isso que eu buscava”, diz ele. A sensação de “reencontro” com a teosofia é um sintoma seguro de que a filosofia universal foi estudada em vida anterior, e de que agora o trabalho está sendo retomado. Há uma mudança imediata, nestes casos, na visão de mundo e na vida diária do indivíduo. Talvez sua vida já esteja passando por uma fase de grandes transformações, quando ocorre o “reencontro”. Ou talvez as mudanças fortes em sua vida comecem, como por coincidência, no momento da re-descoberta da filosofia esotérica, ou pouco depois. Começa então um período de entusiasmo com os ensinamentos e com o movimento esotérico. Esta primeira fase da aproximação corresponde a uma lembrança e uma recordação inconscientes do que foi aprendido em vidas anteriores. Tudo parece fácil, tudo flui. Isso não será sempre assim.

Em algum momento o estudante enfrentará o solo duro que se apresenta diante dele ao final da recordação inconsciente, e sentirá o desafio de começar a partir de zero, no chão árido, uma etapa superior do trabalho de auto-libertação pela compreensão da Lei. Surgem então os desencantos e as decepções. A vida parece um deserto. Também neste caso, a solução está na paciência, na visão de longo prazo e no desapego em relação a frutos e resultados visíveis do esforço de busca. A alma será testada em sua capacidade de enfrentar a solidão no caminho. Terá de compreender que cada um deve caminhar por seu próprio mérito. Na estrada da sabedoria, não há transporte coletivo assegurado, e muito menos gratuito. O preço mínimo a pagar é a produção crescente de bom carma e de mérito próprio.

Mas é importante deixar claro sobretudo que no caminho teosófico a noção de tempo e de espaço deve ser ampla. A religiosidade superficial busca resultados de curto prazo. A filosofia esotérica autêntica dá elementos de estímulo para o calmo despertar de Antahkarana, a silenciosa ponte sagrada que faz a ligação entre a alma mortal e a alma imortal.

A sabedoria divina desce sobre a consciência do estudante como o orvalho da madrugada, materializando-se gota a gota de um modo quase imperceptível. Isso começa a partir de um momento sobre o qual não vale a pena especular, já que não pode ser fabricado artificialmente.

Ao longo dos anos, será visto algum resultado. Talvez o resultado não pareça brilhante, porque é mais interno do que externo. O patrimônio cármico positivo é construído como um “tesouro nos céus” e não como algo para mostrar aos amigos. Como tudo que é essencial, o tesouro é invisível aos olhos. Não pode ser sentido nem comprovado por métodos experimentais externos. Enquanto ele é lentamente obtido, as limitações da vida concreta continuam visíveis. Entre o plantio das sementes e a germinação da sabedoria, é preciso deixar que a natureza trabalhe em silêncio, enquanto garantimos a ela o tempo todo condições propícias.

Quando os anos de caminhada se transformam em décadas, há casos em que surge uma inevitável sensação de plenitude. Mas isso dependerá, entre outros fatores, de o estudante estar ligado a um esquema pedagógico e a um sistema referencial autênticos, que preservarão sua independência intelectual e emocional. Se este não for o caso, ele poderá sentir-se, com razão, preso a um beco sem saída. Por este motivo o estudante deve examinar, discutir e compreender desde o início a pedagogia da sua aprendizagem. Ele deve exigir informações a respeito. A marca da inautenticidade está na falta de transparência no método de ensino, de

aprendizagem e de produção de conhecimento esotérico. Como nos dois pratos da balança cármica, a filosofia esotérica autêntica estimula um aparente paradoxo. De um lado, a percepção independente. De outro lado, a ação solidária e altruísta.

00000000000000000000

Teosofia Clássica Considera a Natureza Um Templo.

“Não há nada profano no Universo. Toda Natureza é um lugar consagrado, e, como diz Young: ‘Cada uma destas Estrelas é uma casa religiosa...’ ” [H.P.Blavatsky em “The Secret Doctrine”, Theosophy Co., Los Angeles, volume I, p. 578.]

00000000000000000000000000000000

As Vibrações Ocultas

Uma Conversa Com Helena Blavatsky em 1888

William Q. Judge

00000000000000000000000000000000

Publicado pela revista teosófica norte-americana “Path” na edição de junho de 1893, sob o título de “**Occult Vibrations**”, o artigo a seguir aborda as diferenças entre os grandes sábios (ou “adeptos”) e os cidadãos comuns. É publicado agora pela primeira vez em língua portuguesa.

00000000000000000000000000000000

[O texto seguinte foi anotado por mim em 1888, conforme o que era ditado por H.P.B. e com o propósito de publicá-lo naquela época. Mas o material não foi usado de imediato. Eu o trouxe comigo para casa, e agora é de interesse. W.Q.J.]

000000000000

Pergunta – Chamou-me atenção, enquanto pensava sobre a diferença entre as pessoas comuns e um adepto ou mesmo um estudante parcialmente avançado, que a frequência de vibração das moléculas cerebrais, assim como a sua coordenação com as vibrações mais elevadas do cérebro, pode estar na essência da diferença, e pode explicar também muitos outros problemas.

H.P.B. – É verdade. As vibrações causam diferenças e também provocam muitos fenômenos curiosos. As diferenças entre as pessoas se devem em grande parte a vibrações de todos tipos.

Pergunta – Ao ler o artigo [“Aum!”] na revista “Path” de abril de 1886, esta idéia surgiu novamente. Abro na página 6 da revista: “A Ressonância Divina de que se fala acima não é a Luz Divina em si mesma. A Ressonância é apenas a manifestação do primeiro som de todo o Aum . . . Ela não se expressa apenas como o poder que agita e anima as partículas do universo, mas também se expressa na evolução e na dissolução do ser humano, dos reinos mineral e animal e do sistema solar. Entre os hindus, era representada como o planeta Mercúrio, ao qual tem sido sempre atribuído o governo das atividades intelectuais e a função de estimulador universal.”

O que me diz sobre isso?

H.P.B. – Mercúrio sempre foi conhecido como o deus da sabedoria secreta. Ele é Hermes, assim como Buddha, filho de Soma. Falando das coisas do plano inferior, eu chamaria a “Ressonância Divina” sobre a qual você lê na revista Path de “vibrações”; e diria que está na origem, ou que dá o impulso a todo tipo de fenômeno do plano astral.

Pergunta – As diferenças percebidas nos cérebros e nas naturezas humanas devem, então, ter como base as diferenças de vibração?

H.P.B. – Seguramente.

Pergunta – Falando da humanidade em seu conjunto, é verdade que todos os humanos têm uma chave, ou uma frequência vibratória, à qual respondem?

H.P.B. – Os seres humanos são em geral como conjuntos de teclas de piano. Cada tecla tem o seu próprio som, e a combinação dos sons produz outros sons em uma variedade sem fim. Como a natureza inanimada, os humanos têm uma nota-chave a partir da qual todas as espécies de caráter e de constituição avançam atravessando mudanças permanentes. Lembre do que foi dito em “Ísis Sem Véu”, página 16, volume I [*da edição original em inglês. NT*] : “O Universo é a combinação de milhares de elementos, e no entanto é a expressão de um só espírito. Ele é um caos para os sentidos (físicos), e um cosmos para a razão (manas).”

Pergunta – Até aqui, o que foi dito se aplica à natureza em geral. Isto explica a diferença entre o adepto e a pessoa comum?

H.P.B. – Sim. A diferença está em que um adepto pode ser comparado àquela nota-chave que contém em si todas as notas da grande música da natureza. Ele tem em seus pensamentos a síntese de todas as notas, enquanto que o homem comum possui a base da mesma nota-chave, mas apenas age e pensa em uma, ou em algumas poucas modalidades desta chave, produzindo com seu cérebro somente alguns poucos acordes da grande música que é possível.

Pergunta – Isto terá algo a ver com o fato de que o discípulo pode ouvir a voz do seu mestre através dos espaços astrais, enquanto outro não consegue ouvir ou comunicar-se com os adeptos?

H.P.B. – Isto ocorre porque, através do treinamento, o cérebro de um chela está sintonizado com o cérebro do Mestre. Suas vibrações sincronizam-se com as do Adepto; mas o cérebro

não-treinado não está sintonizado desta forma. Assim, o cérebro do chela não é normal, se olharmos para ele do ponto de vista da vida convencional; enquanto que o cérebro do homem comum é normal, do ponto de vista das metas mundanas. Este último pode ser comparado aos que são incapazes de distinguir cores.

Pergunta – Pode explicar melhor?

H.P.B. – O que é considerado normal do ponto de vista do médico é visto como anormal do ponto de vista do ocultismo, e vice-versa. A diferença entre um homem que não distingue as cores umas das outras e não consegue identificar lâmpadas coloridas, e um adepto que as vê e que as distingue, está no fato de que um confunde uma cor com a outra, enquanto o adepto vê todas as cores em cada cor, mas, mesmo assim, não as confunde.

Pergunta – Então, o adepto elevou as suas vibrações de modo que elas são iguais às vibrações da natureza como um todo?

H.P.B. – Sim, no caso dos adeptos mais elevados. Mas há outros adeptos que, embora amplamente mais avançados que a humanidade média, ainda são incapazes de vibrar neste nível.

Pergunta – O adepto pode produzir por vontade própria uma vibração que altere uma cor, transformando-a em outra?

H.P.B. – Ele pode produzir um som que altere uma cor. É o som que produz a cor e não o contrário. Ao correlacionar as vibrações de um som da maneira correta, faz-se uma nova cor.

Pergunta – É verdade que no plano astral cada som sempre produz uma cor?

H.P.B. – Sim; mas estas cores são invisíveis porque ainda não foram correlacionadas pelo cérebro de modo que se tornem visíveis no plano terrestre. Leia Galton, que narra experimentos com cores e sons tais como percebidos por indivíduos psíquicos e sensitivos, mostrando que muitas pessoas sensitivas sempre vêem uma cor para cada som. O homem que é cego em relação a cores tem diante de si as mesmas vibrações que se mostram como vermelho, mas, como não é capaz de percebê-las, ele altera o total das vibrações, digamos assim; e então, daquele total de vibrações, ele vê uma cor que corresponde às vibrações que consegue perceber. Os seus sentidos astrais podem ver a cor verdadeira, mas o olho físico tem as suas próprias vibrações; e estas, estando no plano externo, predominam por enquanto sobre as outras – e o homem astral é levado a informar ao cérebro que o olho físico viu corretamente. Porque, em cada um dos casos, o estímulo externo é mandado para o homem interno, e este é então forçado de certo modo a aceitar naquele momento a mensagem, até que a situação mude. Mas há casos em que o homem interno é capaz até mesmo de vencer a limitação externa e fazer com que o cérebro veja a diferença. Em muitos casos de insanidade mental, a confusão entre as vibrações de todo tipo é tão grande que não há correlação entre o homem interno e o homem externo, e temos então um caso de alienação mental. Mesmo em algumas destas situações infelizes a pessoa está o tempo todo interiormente consciente de que não é insana, mas não consegue fazer-se entender. Assim, freqüentemente as pessoas são levadas à verdadeira insanidade por tratamentos errados.

Pergunta – Através de que tipo de vibrações os elementais produzem cores e luzes variadas?

H.P.B. – Embora conheça bem o assunto, esta é uma pergunta a que não devo responder. Eu não disse a você que, às vezes, os segredos podem ser revelados demasiado cedo?

[Traduzido de “Theosophical Articles”, William Judge, Theosophy Co., Los Angeles, CA, edição em dois volumes, volume I, pp. 423-426.]

0000000000

Desfazendo Impressões Erradas “Eu Inferior” é um Instrumento Valioso

Estudante A:

Em que sentido o eu inferior pode ser considerado legítimo, se ele é chamado de “inferior” pelos próprios teosofistas?

Estudante B:

Vale a pena lembrar sempre que o eu inferior é bom. Ele é “inferior” no sentido de ser básico, mas não no sentido de ser “desprezível”. Ele é um alicerce, e deve servir como instrumento valioso para a expressão prática do eu superior.

O que há de aparentemente “ruim” em um ser humano não é nem o corpo físico, nem o eu inferior. Não é **kama manas**, a mente inferior, nem **kama**, o princípio emocional-animal. Todos estes níveis de consciência e existência são bons e fundamentalmente saudáveis. Os sete princípios da consciência fazem parte da caminhada, e nenhum deles é um estorvo.

A natureza não tem maldade em si. A idéia de maldade é basicamente uma invenção teológica medieval. Há, apenas, ignorância espiritual. O que existe de desafiador é a ignorância do eu inferior, mas ela é passageira. Ela tem remédio, seja nesta vida ou numa encarnação posterior.

Estudante A:

Mas, se a sabedoria é fonte de paz, então por que a ignorância geralmente se resiste tanto a aceitar a sabedoria?

Estudante B:

Ocorre que as afinidades se constroem pelo costume. Talvez a ignorância prefira o sofrimento e até o desespero que já são seus velhos conhecidos, ao invés da paz e da felicidade que ela ainda desconhece. A dificuldade de optar por uma vida feliz e simples está no apego aos numerosos hábitos que são realimentados pela ignorância espiritual. A força destes hábitos é sutil e semi-inteligente. Ela está ligada a elementais, isto é, a seres sutis da natureza. Em seu lugar, é preciso criar novos hábitos, mais compatíveis com a caminhada espiritual. O hábito do pensamento negativo deve ser substituído pelo hábito do pensamento correto.

Nestes tempos marcados pela perplexidade e pela desorientação, é preciso deixar claro que, visto do ponto de vista evolutivo, cada ser humano é, ou contém em si, uma semente de sabedoria.

Cada cidadão tem em si uma promessa de auto-libertação. Cabe a nós a tarefa de cuidar da germinação correta desta semente colocada aos nossos cuidados. Há obstáculos? Sem dúvida. Mas o ser humano não cria problemas que não seja capaz de resolver. Toda “noite” é apenas a antecipação da madrugada. Toda “escuridão” é a véspera do amanhecer. Todo medo é uma preparação para a coragem.

O Desânimo Não Passa de Uma Ilusão O Otimismo Surge do Contato com a Lei

Nenhum grande instrutor disse jamais que o caminho do auto-conhecimento é cômodo ou fácil. Ao contrário: é nos momentos desafiadores que o ser humano pode conhecer melhor a si mesmo.

O hábito da preguiça e da comodidade leva à estrada ampla do derrotismo. Mas o ser humano maduro olha profundamente o mundo a seu redor e vê a bênção e a libertação espiritual ocultas sob a aparência de sofrimento. A sua consciência focaliza a fonte da bênção, que é permanente, e ignora o sofrimento, que é passageiro.

Mas o que é, exatamente, otimismo? A pergunta merece ser examinada.

Otimismo é o hábito de harmonizar a mente com o Ótimo que há em nosso interior. O Território do Ótimo está localizado em nossa alma imortal. É ali que mora a bênção permanente; e ela lança sobre nós os raios de sol da iluminação, cada vez que o merecemos. O pessimismo, por outro lado, surge de um estado de infantilidade espiritual e psicológica pelo qual a pessoa sintoniza com alguma forma de preguiça de enfrentar os obstáculos. O pessimismo é uma desistência de avançar em direção à vitória e à sabedoria. É uma justificativa para o hábito de não fazer nada. É uma desculpa para a irresponsabilidade ética. Se não podemos dar grandes passos, podemos dar passos tão pequenos quanto nossas forças permitirem. Mas sempre é possível avançar. Avançar, em teosofia, é sinônimo de TENTAR. Interiormente, toda tentativa séria é um avanço.

A coragem é necessária? Seguramente. Em uma das suas possibilidades etimológicas, a palavra “coragem” vem de “core”, a raiz da palavra “coração”. Por isso temos a expressão popular “coração de leão”; o leão é um símbolo de coragem. O otimismo e a coragem andam juntos porque eles são dois raios da luz que surge do sol, ou do coração. A expressão “raios de luz” é correta porque o coração é o Sol microcômico do corpo físico e da aura individual. Assim como o cérebro, o coração é um centro de vida e de sabedoria. Mas é bom lembrar que o cérebro de um ser desperto também é comparável a um pequeno sol. Este fato é ilustrado simbolicamente pelas aureolas que há em torno da cabeça dos santos, em obras de arte da antiguidade.

Nos grandes momentos da história humana – como nos grandes momentos da vida de cada aprendiz – rompem-se cascas de ilusão para que a luz brilhe mais diretamente.

Naturalmente, aquilo que a luz ilumina nem sempre é belo no primeiro momento. Então os

fracos e os inexperientes choram e desanimam. Mas os fortes despertam para o seu verdadeiro potencial, corrigem o rumo, vão à frente e agem à altura dos desafios.

O que é ótimo não está apenas no interior da nossa alma. Ele é também a nossa essência, e por isso a filosofia ensina que todo obstáculo é sempre secundário. Os desafios são convites para o despertar do Eu Interior, do Verdadeiro Ser, do eu superior, Atma-Buddhi. O aprendiz da sabedoria dá atenção ao que é permanente, isto é, à inevitável vitória gradual da alma.

O indivíduo só se deixa carregar para este ou aquele estado de espírito, conforme recebe ou vê notícias "boas" ou "ruins" ao seu redor, enquanto a ingenuidade espiritualmente infantil ainda predomina em sua vida. O uso efetivo da força do pensamento – ao longo de um caminho elevado, realista e justo – é um fator determinante em todo processo cármico positivo. O pensamento é o leme do carma. Quando assumimos a nossa responsabilidade sobre o rumo da vida, colocamos o leme na posição correta e passamos a eliminar as causas do sofrimento.

Perguntas e Comentários: O Dia-a-Dia da Caminhada Interior

Pergunta:

Vejo muita gente falar do caminho teosófico como se ele fosse uma jornada linear, previsível, sempre igual a si mesma. Na prática, percebo que à medida que avançamos é preciso revisar constantemente nossos conhecimentos.

Comentário:

Ao longo da aprendizagem filosófica e teosófica, há um tempo para avançar e um tempo para recuar, e ainda outro para avaliar e planejar. A cada avanço real na percepção do nosso verdadeiro caminho, surgem novas oportunidades de revisar pontos e aspectos das etapas anteriores. À luz de cada novo passo dado, novos aspectos do nosso conhecimento já podem ser revistos, reavaliados e ampliados.

Cada progresso feito é, ao mesmo tempo:

- 1) Uma ampliação de horizontes em direção ao futuro;
- 2) Um aprofundamento e uma consolidação do ponto exato em que estamos; e
- 3) Uma transmutação do que sabíamos em etapas anteriores, uma correção de aspectos da vida atual que ainda expressam etapas prévias do aprendizado.

É deste modo que se fortalecem:

- 1) A vontade;
- 2) A confiança profunda em si mesmo;
- 3) A confiança no ensinamento; e
- 4) A confiança nos companheiros de caminhada.

O que significa esta confiança nos outros? Ela não quer dizer que se tenha “expectativas” em relação a eles, porque é acompanhada de desapego e flexibilidade. O aprendiz sensato exige de si mesmo e não dos outros. Ele insiste no plantio e não na colheita. Ele confia na Lei e na vida.

Deste modo se fortalece também o discernimento em relação ao que é verdadeiro e não ilusório.

A firmeza é tão necessária quanto a flexibilidade. Em determinados momentos e aspectos, não há progresso sem firmeza. Em outros, é a flexibilidade que constitui a ação sábia. A cada novo passo, a nossa interação com o Caminho se torna mais profunda.

Pergunta:

E qual o papel dos obstáculos, na aprendizagem interior?

Comentário:

Se não fossem os momentos que consideramos “difíceis”, não poderíamos saber de que substância somos feitos. A preguiça e o despreparo só ficam claros – como problemas que devem ser corrigidos – quando a rotina cômoda é rompida e surge algum teste. Portanto é preciso agradecer todos os dias à lei do carma, se temos um número suficiente de dificuldades e obstáculos. Ao contrário, se nossa vida está muito cômoda, é preciso examinar o que há de errado conosco. A que se deve tamanho marasmo?

Uma das vantagens da auto-disciplina é que ela antecipa as dificuldades que poderiam vir de fora. Acostumados com menos comodidade, aquilo que para outros seria uma grande dificuldade será para nós algo fácil de superar.

Pergunta:

Há uma relação entre preguiça, desejo e ambição?

Comentário:

Sem dúvida. O preguiçoso é insaciável porque só vê o curto prazo. O auto-disciplinado se contenta com pouco porque trabalha a longo prazo.

Quem não é capaz de limitar a si mesmo será limitado pela vida, isto é, será disciplinado de fora para dentro. A auto-disciplina é fonte de humildade, paz e plenitude. A prática da auto-disciplina passa por criarmos os nossos hábitos por vontade própria, sem deixar que os hábitos sejam criados de fora para dentro, por pressões externas e materiais.

A disciplina ocorre naturalmente quando somos capazes de escutar a voz da nossa própria consciência. Para isto é necessário alcançar níveis sempre crescentes de auto-conhecimento, sabendo que conhecer a si mesmo é conhecer o eu superior.

O auto-conhecimento e a auto-disciplina são inseparáveis, porque cada um deles torna o outro possível. Estimulados por uma mente aberta e a um coração puro, os dois processos produzem auto-libertação.

00000000000000000000

